

MARCO AURÉLIO

Nasceu em 121 d.C. e faleceu de peste nas margens do Danúbio, no ano 180. O imperador Antonino Pio era seu tio e padrasto, tendo-o adoptado. Praticou a “vida” estóica.

A obra *Pensamentos*, foi certamente escrita para si próprio. Por tal motivo, também a encontramos com a denominação *Pensamentos para Mim Próprio*. É o resultado da consciência do Imperador, que se interessa quase que exclusivamente pela moral. Os seus pensamentos podem considerar-se um verdadeiro guia do estoicismo – *e talvez de parte do pensamento ocidental*.

Marco Aurélio mais do que um imperador que se interessava pela filosofia, era um filósofo que exercia as funções de imperador. Considerou uma graça divina o facto de se ter apaixonado pela filosofia, mas não caindo na alçada dos ensinamentos de um qualquer sofista, nem perdendo o seu tempo a examinar autores ou a “embasbacar-se” com a física celeste.

Conheceu as obras de Epicteto por intermédio de Rústico, que as possuía na sua biblioteca.

Como Séneca e Epicteto, Marco julga que o filósofo se deve retirar para dentro de si, meditando interiormente. “Olha para dentro de ti: dentro de ti está a fonte do bem, sempre capaz de brotar, se souberes sempre escavar em ti próprio.” O homem deve buscar a divindade que nele habita, em vez de se distrair em vãs pesquisas e actividades.

Acredita na existência de Deus pelos sinais do seu poder, o que o leva a venerá-lo.

A harmonia do universo nasce da obediência à vontade por Deus manifestada. Nas obras dos deuses, que são inteligência, resplandece uma providência e tudo o que acontece é por força da necessidade, contribuindo para o bem geral do universo.

As coisas da carne, que nada mais é do que barro, sangue, veias, artérias, ossos e um fino reticulado de nervos, devem ser desprezadas como se estivéssemos para morrer neste preciso momento.

A morte não é a perda nem do passado, nem do futuro – *ninguém pode perder o que já não possui e o que não sabe se possuirá* –, mas do presente. Quer o nascimento quer a morte são mistérios da natureza.

Despedirmo-nos dos homens pela morte, desde que os deuses existam, nada tem de aterrador, e se não existirem, de que modo pode ao homem interessar um mundo sem providência? Mas, Marco julga que os deuses existem e que velam pelas coisas humanas.

Se dissiparmos os fantasmas que ensombram a morte, ela é tão-somente uma obra da natureza, e obras da natureza apenas são temidas pelas crianças.

Ao corpo pertencem as sensações, à inteligência os princípios, e à alma os instintos. No entanto, a alma impregna-se de ideias. Consoante estas sejam, assim ela será. Deus vê as almas despojadas dos seus invólucros materiais.

A alma liberta-se do corpo com a morte. Libertas do corpo sobem aos ares, para depois de algum tempo se fundirem na razão universal geratriz, permitindo que outras ocupem o seu lugar.

Parece ter dúvidas quanto à imortalidade, quando se refere a que alma espera ou extinguir-se ou ser transferida para algures.

Estudo temático. Para um maior desenvolvimento e conhecimento de outros filósofos sobre os temas versados, ver neste site, www.homeoesp.org » Livros online » *Deus, Alma e Morte na História do Pensamento Ocidental*.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG